

Cita Herbart, que há mais de um século afirmara: — "Precisamos de escolas normais e de escolas de experiência".

O Sr. Evelásio Vieira (MDB — SC) — Permite V. Ex.^a um aparte?

O SR. NELSON CARNEIRO (MDB — RJ) — Pois não.

O Sr. Evelásio Vieira (MDB — SC) — V. Ex.^a, a exemplo do Senador Lomanto Júnior, faz bellissima radiografia de um grande brasileiro. Interessante é que mais de 50, mais de 60, 70 anos são decorridos e até hoje nós não aprendemos ainda que a melhor via para o desenvolvimento do nosso povo, como de qualquer povo, é a educação. É interessante: o grande problema hoje, um dos grandes problemas nacionais é a educação, particularmente o ensino técnico de nível médio. O Senador Miguel Calmon já, há 70 anos pregava essa necessidade. Os anos passaram e nada evoluiu. Houve um Ministro da Educação — e não um Ministro qualquer — o qual criou uma lei para dar desenvolvimento ao ensino técnico neste País, o ensino profissionalizante, entretanto esse ensino continua nas prateleiras.

O SR. NELSON CARNEIRO (MDB — RJ) — Agradeço a intervenção de V. Ex.^a e repito a frase de Herbart, que Miguel Calmon citava em 1912, 17 de setembro, em que dizia: "Precisamos de escolas normais e de escolas de experiência".

São exatamente essas escolas que o Brasil reclama e apesar da iniciativa do Senador Jarbas Passarinho, quando Ministro da Educação, elas não se multiplicaram como todos nós desejávamos.

Mas instrução e educação de acordo com as tradições e os costumes do País. Essa preocupação de identidade com os antecedentes e com os destinos nacionais ajusta-se à sua presença na Liga de Defesa Nacional, sua incorporação na campanha nacional do voluntariado, sua participação no movimento de solidariedade à decisão governamental de intervir na primeira guerra mundial.

Como o marquês, Miguel Calmon foi um nobre na política republicana. Não cortejou jamais a popularidade fácil e os postos que galgou premiaram sua preocupação com os problemas maiores do País. Ligado a Ruy Barbosa, contou com seu apoio para integrar o Ministério de Afonso Pena, e acompanhou ao mestre na campanha presidencial de 1919. Fez parte de uma geração de baianos eminentes, que as pugnas eleitorais dividiram, como paroxismos de irreversibilidade.

Ao enejo do centenário de seu nascimento, justo que os homens públicos, que ora se reúnem nesta Casa, que ele ilustrou, reverencem sua memória. É o que ora faço, Sr. Presidente, em nome do Movimento Democrático Brasileiro. (Muito bem. Palmas.)

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Antes de passarmos à Ordem do Dia, a Mesa deseja não somente se associar às justas homenagens prestadas a Miguel Calmon, certamente um dos maiores brasileiros, deste século, creio que o mais jovem Ministro da Velha República, senão o mais jovem, um dos mais ilustres. São numerosos os seus serviços, como bem assinalaram os dois oradores que falaram em nome do Senado. São muito os seus trabalhos pelos quais honrou as tradições de sua família, tradições que se estendem à Guerra da Independência, no Recôncavo Baiano.

Se eu tivesse que buscar um título para Miguel Calmon, não seria apenas o de grande educador, o de grande economista, mas sobretudo o de grande estadista que, no Ministério da Viação, aos 27 anos de idade, teve a visão de construir a Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, a qual iria incorporar à vida econômica do País, toda aquela região que se estende de São Paulo até Mato Grosso. É a região que jamais deverá esquecer o trabalho ali realizado pelo grande Ministro Afonso Pena.

Agradeço assim o brilho que deram a esta sessão os Senadores Lomanto Júnior e Nelson Carneiro, que falando nos Partidos da ARENA e do MDB, trouxeram a unanimidade da Casa na homenagem e no elogio de um grande Senador, Senador que ilustrou esta Casa, como ilustrou a Nação brasileira.

COMPARECEM MAIS OS SRS. SENADORES:

José Guimard — Eunice Michiles — Raimundo Parente — Gabriel Hermes — Alexandre Costa — Dinarte Mariz — Jessé Freire — Humberto Lucena — Milton Cabral — Marcos Freire — Arnon de Mello — João Calmon — Amaral Peixoto — Hugo Ramos — Tancredo Neves — Franco Montoro — Orestes Quêrcia — Pedro Pedrossian.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Está finda a Hora do Expediente. Passa-se à

ORDEM DO DIA

Sobre a mesa, requerimento que vai ser lido pelo Sr. 1.^o Secretário.

É lido e aprovado o seguinte

REQUERIMENTO Nº 338, DE 1979

Nos termos do art. 198, alínea d, do Regimento Interno, requero inversão da Ordem do Dia, a fim de que a matéria constante do item nº 1 seja submetida ao Plenário em último lugar.

Sala das Sessões, 18 de setembro de 1979. — Jarbas Passarinho.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — De acordo com a deliberação do Plenário, o item nº 1 da pauta será apreciado em último lugar.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Passaremos, pois, ao item 2:

Votação, em turno único, do Requerimento nº 278, de 1979, do Senador Leite Chaves, solicitando, nos termos do art. 418, inciso I, do Regimento Interno, a convocação do Senhor Ministro de Estado da Indústria e do Comércio, João Camilo Penna, para prestar esclarecimentos, perante o Senado Federal, sobre o empréstimo concedido à COPERSUCAR e ao Grupo Atalla.

Sobre a mesa, requerimento que será lido pelo Sr. 1.^o Secretário.

É lido e aprovado o seguinte

REQUERIMENTO Nº 339, DE 1979

Nos termos do art. 350, combinado com a alínea c, do art. 310, do Regimento Interno, requero adiamento da votação do Requerimento nº 278, de 1979, a fim de ser feita na sessão de 10 de outubro próximo.

Sala das Sessões, 18 de setembro de 1979. — Humberto Lucena.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — De acordo com a manifestação do Plenário, a matéria voltará à Ordem do Dia da sessão de 10 de outubro próximo.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Item 3:

Votação, em turno único, do Requerimento nº 323, de 1979, do Senador Lourival Baptista, solicitando a transcrição, nos Anais do Senado Federal, do pronunciamento feito pelo jornalista Roberto Marinho, no dia 29 de agosto de 1979, por ocasião da Abertura dos Seminários sobre o Modelo Energético Brasileiro, promovidos pelas Organizações Globo, no Rio de Janeiro.

Em votação o requerimento.

Os Srs. Senadores que o aprovam queiram conservar-se como se acham. (Pausa.)

Aprovado.

Será feita a transcrição.

É a seguinte a matéria cuja transcrição é solicitada:

O Globo, 30-8-79

"Um verdadeiro jornal jamais estaria cumprindo o seu papel se, nos momentos certos, não se lançasse ao levantamento das idéias, ou às próprias realizações, que atendem às angústias, ou aos problemas nacionais.

Por isto, ocorreu a nós de O Globo que, neste instante da vida nacional, deveríamos provocar um encontro de todos quantos pudessem trazer as luzes de suas idéias, ou as lições de sua experiência, para amplos debates sobre a problemática da energia. E, desde logo encontramos o mais entusiástico apoio do Ministério das Minas e Energia, e da Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República para a realização da série de Seminários, que hoje se inicia.

Estes Seminários do Modelo Energético Brasileiro visam a dar oportunidade, de se fazerem ouvir, num recinto tão significativamente solene como este, todas as vezes competentes daqueles que possam trazer, ao Governo e ao País, a contribuição de sua inteligência especializada.

Dada a importância, e até mesmo a gravidade do tema, a realização destes debates chega a ter algo de convocação nacional.

Foi certamente por esta razão que o Ministro César Cals e o Ministro Saíd Farhat logo assumiram também a responsabilidade de comando e participação nestes Seminários.

Interpretando o pensamento e as preocupações do Presidente João Figueiredo, eles entenderam, como nós, que era chegada a hora de chamarmos a um pronunciamento público, em bem do País, todos aqueles nossos compatriotas que trazem como bagagem da sua competência profissional, conhecimentos e experiências em quaisquer das áreas de onde possam provir as soluções alternativas para o problema energético.

Deve-se igualmente ressaltar que, talvez muito mais do que possamos supor, olhos ansiosos se voltam para o nosso comportamento, procurando sa-

ber que passos o Brasil dará, ou por que vias prefere caminhar o nosso País, com vistas a resolver os desafios do drama energético.

Por isto, não tenho dúvidas de que a convocação destes Seminários se realiza na hora mais oportuna.

Se tivéssemos tentado realizá-los antes, não contaríamos para seu êxito ou interesse com a moldura de dramaticidade, que se vem estreitando angustiosamente, sobre nós e sobre o mundo, a cada nova reunião da OPEP.

E se retardássemos estes encontros, estaríamos ensejando que as ansiedades nacionais se acumulassem talvez até à desorientação e ao desespero.

Tenho certeza, Senhor representante do Vice-Presidente da República, Ministro César Cals; Senhor Governador Chagas Freitas; Senhor Prefeito Israel Klabin; Senhores representantes das Forças Armadas; Senhor Presidente da Associação Brasileira de Imprensa;

Tenho a certeza, senhores conferencistas, senhores debatedores, cientistas, empresários e autoridades — que estamos abrindo, pela via democrática destes debates, caminhos pioneiros que podem vir a servir não apenas ao nosso País, mas também a todos os povos cujos destinos parecem, no momento, bloqueados pelo mesmo grave obstáculo da carência energética.

Dado o proveito que o Brasil pode vir a tirar destas reuniões, tenho a convicção de que esta solenidade é um marco histórico.

Isto porque, aqui deverão consolidar-se idéias e projetos, que serão básicos para equiparmos o painel de comando — que nos livrará dos perigos do voo cego, na busca de roteiros para vencermos a nebulosidade e a densidade da crise energética.

Sejam bem-vindos todos os que, debatedores ou testemunhas, atenderam a convocação para este encontro.

Muito obrigado."

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Item 4:

Votação, em turno único, do Requerimento nº 325, de 1979, do Senador Lourival Baptista, solicitando a transcrição, nos Anais do Senado Federal, do discurso proferido pelo Presidente da República, João Figueiredo, em Belo Horizonte, no dia 5 de setembro de 1979.

Em votação o requerimento.

Os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer sentados. (Pausa.)

Aprovado.

Será feita a transcrição.

É a seguinte a matéria cuja transcrição é solicitada:

A ÍNTEGRA DO DISCURSO

"Excelentíssimo senhor vice-presidente da República, Aureliano Chaves, Excelentíssimo senhor governador do Estado, Francelino Pereira dos Santos,

Excelentíssimas autoridades, minhas senhoras, meus senhores,

Povo de Minas Gerais:

Vim a Minas comemorar convosco estes dias da Semana da Pátria.

Minas, onde tudo começou, Minas dos primeiros mártires.

Minas, onde se aprende a amar a liberdade, sonho eterno, ainda quando realidade presente.

Venho depois de haver passado por São Paulo, onde tudo se consumou. Onde as vibrações da alma brasileira atingiram o coração do jovem príncipe português.

Do lugar onde pela primeira vez brilhou no céu da pátria "o sol da liberdade em raios fúlgidos", como cantamos nestes dias.

De São Paulo para Minas, meditei sobre os imprevisíveis caminhos dos povos. O jovem Pedro do Ipiranga era neto da mesma Maria que, apenas 30 anos antes, sancionara as condenações de Tiradentes e seus companheiros.

Tais são os caprichos da história, que, poucos anos depois, o mesmo príncipe sonharia reunir novamente, numa só, suas duas pátrias. A D. Pedro pareceu natural juntar o título de rei de Portugal ao do imperador do Brasil.

Caprichos da história, talvez. Ou então, indício da índole dos brasileiros, que, em jovem, Pedro absorvera. Pois nós somos, como os mineiros, tão bem exemplificam, pela conciliação. A mão estendida. O milagre de uma gente para quem o dia de glória é o do perdão e do esquecimento, e não o dia da ira, o dia da violência, o dia de somar, e não o de dividir. O dia de chegar e não o de partir. O de achar e não o de perder.

Para nós brasileiros, a esperança reside na idéia de união, de coesão. Como os mineiros sabem tão bem, pois sempre se apresentaram unidos e coesos nos grandes momentos da nossa história. Como deve continuar a ser nos dias de hoje, para o bem de Minas e do Brasil.

Quem assim não nos souber entender, quem não quiser colocar-se na perspectiva de uma sociedade em busca de paz e harmonia para construir o futuro; quem não entender as vozes da nossa tradição mais legítima, terá o repúdio com que os brasileiros sepultam aqueles empenhados em voltar para trás as páginas do livro da história.

No século passado, nesta parte do mundo, a independência com que sonhavam os brasileiros, resumia-se praticamente, em sua expressão política. Especialmente no sul do continente, os colonizadores satisfiziam-se com o suprimento de matérias-primas e produtos nativos, em estado natural. Preciavam de uma força de trabalho barata, e, se os imigrantes e degredados não bastassem, havia sempre outras raças para escravizar.

Nada de atividades industriais, mesmo elementares. Poucas escolas. Menos ainda, aquelas onde se ensinassem os ideais libertários que vicejavam em outras partes.

Por isso mesmo, salvo algumas exceções, como as realizações minerais na siderurgia, no começo do século XIX, chegamos a este século atrasados em relação a muitas das técnicas e ciências que não havíamos aprendido ou experimentado.

Hoje sabemos que a independência política, será vazia se não abranger, em primeiro lugar, a reafirmação da individualidade cultural dos povos.

Num mundo que se apequena, a permanência dos traços culturais é razão de sobrevivência da identidade nacional. Mantenho, por isso, que a uniformidade niveladora e despersonalizante não pode ser aceita como decorrência inevitável do progresso, do convívio internacional e do intercâmbio desejável de idéias.

Mas o conceito de independência desdobra-se, em seguida, na economia, no domínio da tecnologia e no desenvolvimento social. De nada servirão as riquezas deste mundo, se não servirem para melhorar a qualidade da vida dos povos. Os gastos suntuários, os desperdícios em inutilidades vistosas são outros tantos insultos à dignidade da espécie humana.

Tenho, por isso, que a expressão mais legítima da independência é a igualdade. Que se realiza, entre nações, pela soberania nacional e pela não-intervenção de umas nos assuntos domésticos de outras. Igualdade, entre os homens, exige respeito à sua condição de beneficiar os de todas as coisas criadas, independentemente do lugar onde tenham nascido, de sua crença, ou da cor de sua pele.

Por isso mesmo, sustento a vinculação indissolúvel e indivisível do conceito de independência das nações ao direito de todos os povos a uma participação mais justa e equitativa nos bens terrenos. De outra forma, estaremos violando, na terra, o destino da humanidade, naquela outra pátria, comum, que o criador nos reservou.

Naturalmente, a igualdade não assenta na indolência. Ou na contemplação passiva das oportunidades, fugazes e passageiras, como soem ser.

Os povos têm o dever de lutar por seu próprio adiantamento, na tentativa sincera de corrigir as injustiças que sempre existirão.

Olhando para tantos jovens, como vi hoje em Belo Horizonte, posso dizer que, no espaço de minha geração, os brasileiros assim têm feito. E a geração desses jovens continuará a fazê-lo.

Bem no espírito deste final de século, vamos adquirindo conhecimento e tecnologia, para hoje e para o futuro. E prosseguiremos nesse caminho, apesar da passividade dos incrédulos e do derrotismo dos que tudo condenam; pois a nada aspiram.

Vamos aperfeiçoando nossos produtos. Estamos criando novas fontes renováveis de energia, também como penhor de independência, e em escala raramente vista.

Não só estamos fazendo a maior usina hidrelétrica de que se tem notícia, em associação com nossos vizinhos paraguaios, mas construímos, dentro de nossas fronteiras, algumas das maiores usinas do mundo.

Mantemos e manteremos, com nossos amigos alemães, um sofisticado acordo que nos permitirá dominar a tecnologia do átomo, passaporte para a energia pacífica do século XXI.

Embora às vezes pareça que tudo nos falta, continuamos a ser grandes produtores de alimentos. Para algumas nações populosas, o Brasil é um formidável fornecedor em potencial de produtos de mesa.

No plano interno, vamos realizar obras de grandes significação. Dentro de quatro anos, a Ferrovia do Aço e a linha do centro formarão um sistema integrado capaz de transportar 95 milhões de toneladas anuais de produtos de Minas para o resto do Brasil e para o mundo.

Os investimentos da Ferrovia do Aço deverão chegar aos 50 bilhões de cruzeiros. As encomendas à indústria brasileira abrangem a totalidade da frota de locomotivas e vagões, além de vultosos equipamentos, sistemas e serviços outros.

Como prometi nesta mesma sala, há pouco mais de um ano, acabo de autorizar o início do quarto estágio do Programa Siderúrgico Nacional. O primeiro laminador de tiras a quente desse programa será implantado pela USIMINAS, no Eixo Ipatinga — Ouro Branco. O investimento para esse fim, de 20 bilhões de cruzeiros de hoje, provirá em grande parte de recursos da própria USIMINAS. Revela notar que 85% dos equipamentos serão adquiridos à indústria nacional de bens de capital.

Além desses, vários projetos serão acionados, como os que vamos assinar ainda hoje, para obras neste Estado. Dentro das realidades orçamentárias, o governo não vai parar. Os brasileiros podem estar certos, confiantes e otimistas. Prosseguiremos, no plano econômico, a consolidação da independência política.

Mas é sobretudo no social, acima de tudo nos investimentos feitos no homem e para seu bem-estar, que verdadeiramente realizaremos a independência nacional. Por assim julgar, desejo deixar bem claro que o pensamento e a ação de meu governo não se realizam só nas construções, nas obras e nos edifícios, nas fábricas e nas máquinas, nas usinas e nos geradores. Por mais necessários que sejam os bens materiais, precisamos não esquecer: tudo isso existe para o homem. E se não contribuir para a sua felicidade, será em perda.

Nós brasileiros desejamos o progresso. Mas não uma sociedade materialista.

Penso, portanto, que nossa independência só se completará na medida em que os investimentos na saúde do homem, na sua educação, na sua casa, no seu bem-estar, enfim, puderem expressar-se com a mesma grandiosidade das cifras referentes ao progresso visível e palpável.

Só assim realizaremos os ideais daqueles para quem a independência era o bem supremo. A aspiração deles ecoou nas margens do Ipiranga, naquela tarde de 7 de setembro de 1882. E continua reboando até hoje.

Essa aspiração enche nossos corações de sonhos ainda mais grandiosos de independência. De uma presença cada vez mais atuante do Brasil no concerto das nações.

Muito obrigado"

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Item 5:

Votação, em turno único, do Requerimento nº 327, de 1979, do Senador Orestes Quêrcia, solicitando o desarquivamento do Projeto de Lei do Senado nº 80, de 1978, de sua autoria, que altera dispositivo do vigente Código de Processo Civil (Lei nº 5.869, de 11 de janeiro de 1973).

Em votação o requerimento.

Os Srs. Senadores que o aprovam queiram permanecer como se encontram. (Pausa.)

Aprovado.

O projeto a que se refere o requerimento que vem de ser aprovado voltará a tramitar normalmente.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Passa-se, agora, à apreciação do item 1:

Votação, em turno único, do Projeto de Resolução nº 41, de 1979, apresentado pelo Senador Orestes Quêrcia, que cria Comissão Parlamentar de Inquérito, destinada a investigar denúncias sobre violação de direitos humanos nos últimos dez anos, tendo

PARECER, sob nº 488, de 1979, da Comissão:

— de **Constituição e Justiça**, pela constitucionalidade, juridicidade e, no mérito, contrário, com voto vencido do Senador Nelson Carneiro.

A matéria constou da Ordem do Dia da sessão anterior, tendo a votação adiada por falta de *quorum*.

Em votação o projeto.

Os Srs. Senadores que o aprovam permaneçam sentados. (Pausa.)

Rejeitado.

O Sr. Humberto Lucena (MDB — PB) — Sr. Presidente, requeiro verificação da votação.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Sendo evidente a falta de número, em plenário, a Presidência deixa de proceder à verificação solicitada, ficando a votação adiada para a próxima sessão.

O SR. PRESIDENTE (Luiz Viana) — Está esgotada a matéria constante da Ordem do Dia.

Concedo a palavra ao nobre Senador Evelásio Vieira, orador inscrito.

O SR. EVELÁSIO VIEIRA PRONUNCIA DISCURSO QUE, ENTREGUE À REVISÃO DO ORADOR, SERÁ PUBLICADO POSTERIORMENTE.

O SR. PRESIDENTE (Nilo Coelho) — Concedo a palavra ao nobre Sr. Senador Lourival Baptista.

O SR. LOURIVAL BAPTISTA (ARENA — SE. Lê o seguinte discurso.) — Sr. Presidente, Srs. Senadores:

No ano em que se comemora o centenário de nascimento do cientista brasileiro Carlos Justiniano das Chagas, e em que o Ministério da Saúde, através da Superintendência de Campanhas de Saúde Pública, em trabalho junto a instituições de pesquisa e ensino, dispõe, pela primeira vez, de um levantamento global da prevalência da infecção chagásica no País, pensamos que se deva dar outra dimensão ao Programa de Controle dessa endemia.

Sabe-se que na ausência de drogas comprovadamente eficazes e que possam ser administradas em larga escala, e sem que haja quaisquer meios imunizantes, a única alternativa em termos de profilaxia é o combate dirigido ao transmissor.

Desde o ano de 1949, tem o Ministério da Saúde procurado desenvolver atividades de controle, dentro das disponibilidades orçamentárias destinadas a esse órgão.

Sendo em sua fase crônica doença altamente debilitante e que leva, não raro, à morte, predominantemente na faixa etária de população entre os 25 e 50 anos, tem profundas implicações econômico-sociais, na medida em que incide preferentemente em pessoas em sua fase mais produtiva, quase sempre habitantes do meio rural.

Com uma área conhecida de transmissão, no País, em torno de 2.000.000 de km², que se estende do Piauí ao Rio Grande do Sul, com portadores domiciliados em aproximadamente 1.500 municípios brasileiros, a Doença de Chagas é provavelmente dos males o pior, e talvez o mais danoso à população rural.

O Programa de Controle que vem se fazendo atinge, no momento, a 60% da área supostamente endêmica, e que a custo de muito esforço tem sido mantida em trabalho desde o ano de 1975. Os primeiros resultados positivos, obtidos como produto da ação desenvolvida, indicam já a possibilidade real de que a interrupção da transmissão intra-domiciliar da doença se faça a curto prazo, pela desinsetização periódica de prédios infestados. Essa é a arma que se dispõe, e cuja eficácia não pode ser contestada. Isso demonstra a experiência do Estado de São Paulo, onde a Secretaria de Saúde, que aí assumiu a atividade de controle, tem hoje toda área originariamente chagásica sob vigilância, e onde inquéritos sorológicos em anos mais recentes comprovam a inexistência de casos novos da enfermidade.

O Sr. Henrique Santillo (MDB — GO) — Permite V. Ex^a um aparte?

O SR. LOURIVAL BAPTISTA (ARENA — SE) — Com muito prazer, eminente Senador Henrique Santillo.

O Sr. Henrique Santillo (MDB — GO) — Tomo a liberdade de interromper o seu pronunciamento para congratular-me com V. Ex^a Eis aí uma doença, uma endemia, fruto do subdesenvolvimento e da miséria, cuja solução, sem dúvida — e V. Ex^a como médico conceituado também vai admitir isso — reside no problema habitacional do campo. Por outro lado, e solução deste problema habitacional também não está setorizado, não está isolado e não pode ser setorizado porque depende do desenvolvimento do próprio campo, objetivando soluções de seus problemas sociais. Este problema gravíssimo da doença de chagas atinge, em termos de infecção, mais de 10 milhões de brasileiros, e em termos de inutilização de brasileiros para o trabalho, ainda jovens, também atinge a números astronômicos. O problema habitacional, abordado aqui pelo ilustre Senador Evelásio Vieira que o antecedeu na tribuna, também depende de soluções globais para o País, com as quais, tenho certeza, todos nós estamos preocupados. Eu parabeno V. Ex^a pelo discurso.

O SR. LOURIVAL BAPTISTA (ARENA — SE) — Muito agradeço a V. Ex^a, eminente Senador Henrique Santillo, pelo seu aparte. V. Ex^a, médico como eu, bem sabe dos males, do grande estrago e dos enormes prejuízos que traz a Doença de Chagas à saúde do povo brasileiro. O aparte de V. Ex^a muito enriquece o meu pronunciamento.

A força de trabalho no campo é quase toda representada pelo homem, e ela só existe plenamente na medida em que esse homem é sã. A saúde nos parece ser antes de tudo um direito do cidadão, e além de uma responsabilidade pessoal, coletiva, e do Governo.